



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-GEOGRAFIA

RHUANNA LAYLLA OLIVEIRA MIRANDA

DESAFIOS EDUCACIONAIS NO ATENDIMENTO AO
DISCENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:
estudo de caso em uma escola de Grajaú-MA

GRAJAÚ-MA
2023

RHUANNA LAYLLA OLIVEIRA MIRANDA

**DESAFIOS EDUCACIONAIS NO ATENDIMENTO AO DISCENTE COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: estudo de caso em uma escola de
Grajaú-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão – UFMA,
Centro de Ciências de Grajaú, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em
Ciências Humanas-Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da
Silva

GRAJAÚ-MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira Miranda, Rhuanna Laylla.

Desafios educacionais no atendimento ao discente com Transtorno do Espectro Autista: estudo de caso em uma escola de Grajaú-MA / Rhuanna Laylla Oliveira Miranda. - 2023.

16 p.

Orientador(a): Marcos Nicolau Santos da Silva.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, GRAJAÚ, 2023.

1. Autismo. 2. Educação Especial. 3. Profissionais de apoio. I. Santos da Silva, Marcos Nicolau. II. Título.

RHUANNA LAYLLA OLIVEIRA MIRANDA

**DESAFIOS EDUCACIONAIS NO ATENDIMENTO AO DISCENTE COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: estudo de caso em uma escola de
Grajaú-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão – UFMA,
Centro de Ciências de Grajaú, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Licenciatura
em Ciências Humanas-Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da
Silva

Aprovado em: 02 / 10 / 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva - Orientador
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Profa. Dra. Edilma Fernandes da Silva
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Me. José Luís dos Santos Sousa
Examinador Externo – SEMED-Grajaú / PPGE-UFSM

DESAFIOS EDUCACIONAIS NO ATENDIMENTO AO DISCENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: estudo de caso em uma escola de Grajaú-MA

EDUCATIONAL CHALLENGES IN CARE FOR STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: case study in a school in Grajaú-MA

Rhuanna Laylla Oliveira Miranda
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú
rhuannalaylla15@gmail.com

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú
marcos.nicolau@ufma.br

RESUMO

A educação inclusiva tem sido debatida em vários ambiente na sociedade, mas, sobretudo, é no ambiente escolar onde ocorre a inclusão social. O presente estudo tem como objetivo identificar os desafios enfrentados pelos docentes de apoio educacional no atendimento de discentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA em uma escola municipal de Grajaú-MA. A metodologia foi baseada na pesquisa do tipo exploratória com a utilização do estudo de caso aplicado à realidade das profissionais de apoio educacional de uma escola da referida cidade. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e a análise foi essencialmente qualitativa. Identificou-se que as profissionais de apoio promovem estratégias para a inclusão social e educacional dos discentes no TEA, mas há uma falta de apoio, especialmente da Secretaria de Educação do município no que se refere a suporte pedagógico e capacitação discente que está matriculado. Através de pesquisa bibliográfica e também pesquisa de campo pôde observar a escassez de trabalhos publicados nessa área. Essas docentes não possuíam formação específica e nem experiências para trabalharem com o atendimento educacional especializado em TEA. Ressalta-se o papel importante da família junto do acompanhamento de seus filhos na escola, pois não são todos os que recebem pleno acompanhamento dos pais.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Autismo; Atendimento Educacional Especializado.

ABSTRACT

Inclusive education has been debated in various environments in society, but, above all, it is in the school environment where social inclusion occurs. The present study aims to identify the challenges faced by educational support teachers when caring for students with Autism Spectrum Disorder – ASD in a municipal school in Grajaú-MA. The methodology was based on exploratory research using a case study applied to the reality of educational support professionals at a school in that city. Data were collected through semi-structured interviews and the analysis was essentially qualitative. It was identified that support professionals promote strategies for the social and educational inclusion of students in ASD, but there is a lack of support, especially from the municipality's Department of Education with regard to pedagogical support and training for students who are enrolled. Through bibliographical research and also field research, it was possible to observe the scarcity of published works in this area. These teachers did not have specific training or experience to work with specialized educational services in ASD. The important role of the family in monitoring their children at school is highlighted, as not all children receive full support from their parents.

Keywords: Inclusive Education; Autism; Specialized Educational Service.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação inclusiva tem sido um grande desafio para os profissionais da educação em virtude da matrícula de discentes autistas nas escolas e, geralmente, os docentes não possuem conhecimento das estratégias e instrumentos pedagógicos os quais possam auxiliar o trabalho com este público no ambiente escolar.

Por muitas vezes encontramos professores desmotivados no ambiente escolar por não saber ou conhecer alguma ação pedagógica para trabalhar com discentes com necessidades educativas especiais, principalmente com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA, que pode envolver também outras patologias. Geralmente, observa-se que este discente não consegue interação com os colegas, tem dificuldade para desenvolver a linguagem oral e visual, não gostam de contato físico e isso dificulta a relação com a turma.

A educação de qualidade é direito de todo cidadão brasileiro, expresso pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN. Para garantir o desenvolvimento da criança com TEA no ambiente escolar é dever do Estado assegurar que esse direito seja efetivado e garantido o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiências ou necessidades educativas especiais, preferencialmente na rede regular de ensino.

O profissional de apoio tem como objetivo principal garantir a inserção dessa criança com TEA no ambiente escolar, ele juntamente com o professor titular da sala são responsáveis por elaborar estratégias que serão utilizadas para que o discente tenha acesso ao aprendizado das disciplinas e que a aprendizagem seja efetiva.

Os desafios para a inclusão deste discente com TEA são os mais variados, desde a familiaridade no ambiente escolar e a adaptação com esse novo local, rotina escolar e as normas que a escola determina, convívio social etc.. Fazer com que esse discente entenda todo esse cenário não é uma tarefa muito fácil. O ponto de partida dessa investigação, portanto, deu-se desses aspectos e da minha experiência vivenciada como profissional de apoio no ano de 2022, o que me instigou a estudar sobre esse tema tão complexo e tão presente em nossas vidas a partir da realidade de colegas que estão, atualmente, sendo profissionais de apoio educacional em uma escola municipal da cidade.

No ano de 2022 pude presenciar de perto os desafios enfrentados pelos profissionais de apoio na cidade de Grajaú-MA, visto que as escolas não são preparadas para receber esse público. As salas são, geralmente, superlotadas, além da falta de suporte

e capacitação por parte da SEMED (Secretaria Municipal de Educação de Grajaú). Esses desafios foram precursores para o desenvolvimento deste trabalho, além de poder constatar que o campo científico nessa temática é escasso e por vezes superficial.

Sendo assim, trataremos neste trabalho dos diversos desafios enfrentados pelos professores no ambiente escolar e de que maneira esses profissionais enfrentam esses desafios diários.

Este trabalho baseia-se no interesse de analisar o papel pedagógico do professor com os alunos com TEA em sala de aula, como também a escola regular na formação deste aluno para a sociedade. A superação de alguns obstáculos durante a vida escolar pode significar uma maior autonomia na vida adulta e maior sucesso na vida profissional.

A escola tem um papel crucial no desenvolvimento e na autoafirmação dos sujeitos educativos. Para ter um aparato a mais foi criado no ano de 1998 um documento que ajudava os professores a trabalhar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), esse documento trazia os assuntos a serem tratados em cada ano do ensino básico, sendo dividido da seguinte forma: Educação Ensino Fundamental e Ensino Médio, englobando a maior parte da vida escolar dos discentes:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação do Ensino Fundamental em todo o país. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação do técnico e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menos contato com a produção pedagógica atual (BRASIL, 1998, p. 13).

Mesmo os alunos estando inseridos no ambiente escolar sentem-se excluídos, devido o professor ainda não ter conhecimento de como trabalhar com este discente em sala de aula.

Esta pesquisa buscou, como objetivo geral, identificar os desafios enfrentados pelos docentes de apoio educacional no atendimento de discentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA em uma escola municipal de Grajaú-MA. A partir dos objetivos específicos, pretendeu-se: apontar os principais obstáculos enfrentados pelos docentes de apoio no processo de inclusão de discentes com TEA no ensino regular; identificar as estratégias adotadas pela instituição e pelos docentes de apoio para atender aos alunos com TEA; traçar o perfil dos docentes que trabalham com os alunos com TEA, bem como indicar sugestões para a acolhida deles nas escolas regulares e a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

A justificativa deste trabalho se deu através da vivência no ambiente escolar e dos desafios que observados enquanto profissional de apoio e, posteriormente, professora regente. O que motivou a seguir com esse tema de pesquisa foram a complexidade de trabalhar e entender a criança com TEA e como a escola e família devem trabalhar juntas para que a adaptação ao ambiente escolar e o desenvolvimento deste discente seja satisfatório.

Diante dos desafios enfrentados pelos profissionais de apoio derivado da adaptação do discente com TEA e da emergência de novas estratégias de ensino surgiu a necessidade de investigar sobre a falta de capacitações nesta área e nas instituições de ensino que trabalham essa temática de forma superficial. Visto a carência de trabalhos acadêmicos nesta área e principalmente que traga dados em escala regional e municipal além de trazer a tona essa invisibilidade dos profissionais de apoio que tem um papel crucial na vida dos discentes com TEA.

Sendo assim, o presente trabalho foi dividido e estruturado da seguinte forma: uma breve descrição do Transtorno do Espectro Autista – TEA e os desafios enfrentados no ambiente educacional e logo após a metodologia adotada e descrita. Em seguida, apresentaram-se os resultados e discussões acerca da pesquisa cujo foco deste estudo foi destacar os desafios dos profissionais de apoio em uma escola do ensino fundamental de Grajaú – MA, sendo a educação um direito assegurado em lei e sua contribuição essencial no desenvolvimento humano. Neste tópico, faremos uma análise a partir da pesquisa de campo para especificar algumas concepções e desafios desses profissionais no ambiente escolar.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E DESAFIOS EDUCACIONAIS

O Transtorno do Espectro Autista – TEA está cada dia mais presente em nossa sociedade. Com frequência, temos informações de um familiar ou outro núcleo familiar próximo que possui este transtorno ou, ainda, o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH. Isso impõe, de modo acelerado, o desenvolvimento de estudos nos campos da neurociência, psicologia, terapias integrativas e ocupacionais, fonoaudiologia e educação. Para se chegar ao conceito de autismo, muitos estudiosos aprofundaram as investigações para que pudessem esclarecer esse transtorno. Para Orrú (2016, p. 16):

Dentre outros pesquisadores, numa tentativa cronológica de conceituação ou definição, em 1978, Rutter apresentou uma definição do autismo fundamentada em quatro critérios: “1) atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; 2) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; 4) início antes dos 30 meses de idade”.

Apesar de vários pesquisadores terem definido o autismo, o conceito é basicamente o mesmo, já que os sintomas das crianças com TEA são os mesmos e percebidos ainda na infância. Segundo o Ministério da Saúde (2022), TEA é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento, que podem incluir alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja na linguagem verbal ou não verbal, na interação social e de comportamento como ações repetitivas e restrição de interesse. De acordo com Willians (2008), a criança tem certo tempo para apresentar sintomas de TEA. De seis a doze meses, por exemplo, a criança pode demonstrar certo atraso para atingir os chamados marcos do desenvolvimento. Nessa idade normalmente a criança já engatinha, já dá tchau e até fala algumas palavras tipo “mama” e “papa”, mas caso isso demore a acontecer não significa que essa criança tenha TEA, pode ser apenas um atraso normal de cada criança.

Hoje, o TEA é muito estudado e os médicos conseguem dar um diagnóstico logo nos primeiros sinais da criança. De acordo com Grandin (2008), a palavra autismo fazia parte do vocabulário psiquiátrico desde 1943, sendo assim, já se tinha uma ideia de autismo desde essa época, apenas não se tinha uma definição concreta. No entanto, não era dada a devida importância para esse transtorno, muito pelo contrário, era tratado com descaso, desleixo ou apenas uma característica da esquizofrenia.

O TEA, segundo a Secretaria de Saúde (2021), é classificado em níveis dependendo do grau de dependência ou suporte que o indivíduo precisa, podendo ser: nível I é o grau moderado e popularmente conhecido como “leve”, pois é quando o indivíduo precisa de pouco suporte, mas tem dificuldade na interação social; o nível II, o paciente precisa de suporte e apresenta uma dificuldade maior na comunicação, seja ela verbal ou não verbal, além de déficits e também apresenta dificuldade de interação social; já o nível III é o mais delicado, porque o indivíduo precisa de suporte e apresenta pouquíssima ou nenhuma interação social, além de apresentar dificuldades na comunicação, podendo ser um indivíduo verbal ou não verbal (Figura 01).

Figura 01 – Quadro sobre os níveis do Autismo.



Fonte: <<https://genialcare.com.br/blog/autismo-moderado/>>.

Ressalta-se, entretanto, que o TEA não tem cura e o diagnóstico nos primeiros meses de vida é de suma importância para que o tratamento tenha maior eficácia. Para iniciar esse diagnóstico é necessário que os pais se atentem a alguns sinais diferentes na criança. Nesse momento é crucial que esses pais por uma ajuda especializada que irá diagnosticar essa criança e iniciar o tratamento. Pelo fato do autismo ser pouco definido, alguns pais apresentam uma aversão ao diagnóstico positivo. Para Schmidt (2013), esse sentimento está associado a diferentes reações, entre elas está a negação, raiva, culpa, início da aceitação e finalmente a busca por soluções/tratamento.

De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal (1988), a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Sendo assim, todo indivíduo tem direito a uma educação de qualidade.

Em se tratando de discentes com TEA, devemos entender que há uma lei específica para tratar a educação inclusiva e como ela está inserida nas instituições de ensino. Para

receber esse alunado a escola deve adequar-se para receber esse aluno e previamente solicitar um profissional de apoio para auxiliar esse aluno que agora será aluno desta escola.

O discente com TEA tem direito ao profissional de apoio, segundo a Constituição Federal de 1988 que dedica à Educação, no Art. 208: “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de [...] seção III - o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Já a Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, prevê o direito a um acompanhante especializado para os alunos autistas incluídos em classes comuns de ensino regular, em caso de comprovada necessidade. Dessa forma, segundo a legislação, as instituições de ensino devem efetuar a matrícula dos estudantes com TEA nas turmas comuns de ensino regular, assegurando a este discente o acesso à educação de qualidade, sendo essencial, portanto, o profissional de apoio educacional, além de atividades adaptadas para esse discente.

Desde a matrícula, a escola deve ser informada da condição da criança, para que consiga se adequar às suas necessidades educativas. Nos primeiros meses é necessária uma sondagem para adaptar as aulas e para que esse aluno consiga acompanhar o ritmo de desenvolvimento da turma, mesmo com suas limitações.

O trabalho do profissional de apoio é de suma importância nesse momento de adaptação, pois é preciso que a criança estabeleça um elo de confiança com aqueles que estão próximos a ela. Esse é um ponto muito complicado, pois as crianças com TEA dificilmente permitem a aproximação de pessoas aleatórias, porém, ao estabelecer esse elo de confiança, a criança está possibilitando o melhor desempenho e desenvolvimento de suas habilidades e, conseqüentemente, progredindo em seu processo de aprendizagem.

A adaptação leva um tempo, pois a escola é um ambiente novo e com pessoas estranhas para aquela criança. É fundamental o trabalho dos pais e dos professores nesse processo de adaptação a esse novo desafio da criança. Para Cunha (2014, p. 33):

É normal a criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como o da escola. É normal buscar o apoio nas coisas ou nos movimentos que a atraem, mantendo-se permanentemente concentrada neles, esquecendo todo o resto. É normal a birra quando alguém a contraria. É normal o medo e a raiva ganharem proporções traumáticas. O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o seu aluno.

Uma vez que, para a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a educação no Brasil é dever da família e do Estado, tendo por finalidade o desenvolvimento e o preparo do estudante para o exercício da cidadania, logo, um dos maiores desafios da escola nos dias atuais é contribuir para formação moral e ética dos indivíduos. A cidadania para a criança ainda é uma ideia muito abstrata, portanto, é necessário que a escola trabalhe isso em situações concretas do dia a dia. De que forma? Mostrando os valores da solidariedade, empatia, respeito ao outro, principalmente quando se tratar de crianças com TEA que têm suas limitações.

As escolas em sua maioria não estão preparadas para receber os discentes com TEA, considerando a realidade das escolas públicas, principalmente no que se refere à infraestrutura, insumos e apoio pedagógico. Por isso, muitas crianças são inseridas, mas não incluídas, e isso acaba afetando de forma significativa o processo de desenvolvimento da criança. Segundo Ambrós (2017, p. 215), o dever da escola é assegurar essa qualidade de ensino:

A instituição de ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias em sua estrutura física quanto no modo de ensino aprendido. Isto faz com que a escola tome consciência que necessita adaptar o ambiente escolar, tanto como adequar o currículo e também trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno.

Todavia, esse desafio no atendimento educacional especializado à criança com autismo não está posto somente a escola, mas a toda a sociedade e também aos gestores políticos. Sem dúvidas, é no chão da escola onde os problemas e dificuldades são mais refletidos e também há os maiores desafios para o exercício da educação inclusiva de modo a assegurar os direitos educativos de discentes com deficiências, especialmente com TEA.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida possui caráter qualitativo com pesquisa de campo associada, por meio do estudo de caso, utilizando-se de levantamento bibliográfico, observação de uma escola pública de ensino fundamental na cidade de Grajaú-MA, bem como realização de entrevistas semiestruturadas com as docentes de apoio educacional, as quais fazem o acompanhamento de alunos com o transtorno do espectro autista na escola regular. As entrevistas foram norteadas a partir de identificar quais são as ações pedagógicas desenvolvidas e os desafios dessas profissionais para o ensino-aprendizagem deste aluno incluso na escola regular.

Para Severiano, o estudo de caso se concentra em um caso particular e considera um conjunto de dados análogos. Esses dados são coletados e sua análise realizada da mesma forma que nas demais pesquisas de campo.

A pesquisa bibliográfica foi importante para fundamentar o trabalho e criar uma base para a pesquisa de campo. A pesquisa traz em si a necessidade de um diálogo com a realidade a qual se planeja explorar o diferente, um diálogo composto de crítica e de momentos produtivos.

Portanto, podemos perceber que a entrevista é de suma importância para que possamos identificar os desafios pedagógicos e o papel do professor na inclusão do aluno com TEA. Marconi e Lakatos (2007, p. 196-197) afirmam que a entrevista:

É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. [...] A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades [...]

Antes de iniciar a pesquisa de campo e posteriormente às entrevistas, os participantes foram informados sobre a finalidade da pesquisa e o procedimento de coleta de informações e como estas seriam utilizadas e divulgadas. Sendo assim, os sujeitos aderiram “voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e das obrigações nele envolvidos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.75).

As respostas dos participantes foram analisadas e foi possível entender quais são as dificuldades e práticas do professor na interação do aluno no cotidiano escolar, assim podemos compreender melhor como devemos ajudar esses alunos no seu processo de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados para essa pesquisa foram coletados por meio de quatro entrevistas com professoras de apoio de discentes com TEA em uma escola municipal da cidade de Grajaú, no Ensino Fundamental I. As respostas às questões foram analisadas e apresentados os resultados de forma descritiva. As respostas significativas às questões da pesquisa foram selecionadas e analisadas e transformadas em informações.

O estudo de caso foi realizado em uma escola pública municipal da cidade de Grajaú-MA. Para a obtenção de dados, recorreremos à observação direta realizada em sala de aula e, posteriormente, a aplicação das entrevistas com as professoras que são o apoio para

o docente titular da sala. Sendo assim, essa profissional é responsável por auxiliar o discente nas atividades que ele tiver dificuldade de desenvolver.

O Quadro 01 representa uma síntese da análise das entrevistas com as professoras que trabalham com discentes com TEA. Nas entrevistas procurou-se esclarecer as características e diferenças na relação profissional de apoio/aluno, as atividades realizadas com o discente e se os docentes têm alguma formação para receber este alunado, conforme pode ser observado nas transcrições dos relatos da análise no questionário abaixo:

Quadro 01 – Questionário para as Professoras do Apoio

Perguntas	Professora (1)	Professora (2)	Professora (3)	Professora (4)
2) Você poderia falar de sua metodologia ou como você trabalha para a inclusão deste discente em sala de aula?	“Converso com a regente da sala e busco conhecer o aluno para ver qual a melhor forma de ajudar no seu desenvolvimento escolar.”	“Inicialmente, a observo para constatar qual a dificuldade desse aluno e como posso conseguir sua confiança. Priorizando o bem estar e o desenvolvimento do discente.”	“Imagens que sejam atrativas para essas crianças, leitura coletiva e brincadeiras para descontrair.”	“Incluir o máximo nos projetos, seja em sala de aula quanto na escola em geral, porém respeitando sempre o espaço e o tempo do aluno.”
7) Quais as dificuldades para a inclusão dos discentes com TEA no ensino regular?	“Como trabalho com dois alunos eles são muito diferentes. O aluno é muito agressivo e agitado, já a aluna possui um grau baixo e faz acompanhamento mensal e isso ajuda muito, pois ela é esforçada e muito esperta.”	“A maior dificuldade é a falta de capacitação e apoio pedagógico complementar que não temos. Além disso, tem a falta de compromisso dos pais.”	“Por se tratar de crianças recém-diagnosticadas, o trabalho é mais difícil, pois eles têm dificuldades de acompanhar o conteúdo e tenho a dificuldade de traçar um plano para que essas crianças acompanhem a turma.”	“A questão é que meu aluno não entende quando um colega não quer brincar ou simplesmente não quer por qualquer motivo e se altera.”
8) Quais os suportes ofertados pela escola/SEMED no atendimento desses discentes?	“A escola ajuda um pouco com atividades e material pedagógico, mas em relação à SEMED não temos nenhum suporte.”	“Não temos suportes disponíveis em nosso ambiente de trabalho.”	“Não temos suporte algum.”	“A escola oferece alguns materiais, mas a SEMED não dá nenhum suporte.”
9) Quais suas dificuldades no atendimento dos discentes que você acompanha?	“A minha aluna não é hiperativa muito pelo contrario, ela é calma e aplicada isso ajuda muito no seu desenvolvimento, já o meu aluno é muito agitado e algumas	“A falta de materiais pedagógicos e um espaço adequado.”	“Por serem duas crianças no mesmo horário tenho que me desdobrar para conseguir auxiliar ambos nas atividades	“Controlar as crises dele que em geral são de choro, gritos e agressividade.”

	vezes não vem medicado de casa; isso atrapalha bastante porque ele fica agressivo.”		propostas.”	
10) Quais as suas sugestões para melhorar o atendimento do discente com TEA?	“Capacitação e valorização da classe.”	“Cursos de capacitação para os profissionais de apoio para o melhor desempenho em nossa função.”	“Capacitação, suporte e valorização dos profissionais de apoio.”	“Formação e treinamento adequado com os profissionais de apoio.”

As professoras entrevistadas possuem entre 30 e 42 anos de idade, afirmaram também não terem formação específica nessa área em que atuam, fator que é confirmado na resposta à questão 1. Porém, é importante destacar que o conhecimento das professoras tem como base a vivência em sala de aula com os alunos em questão. Todas afirmaram ter vontade de cursar algum curso de capacitação nesta área para aperfeiçoar seu trabalho. O conhecimento adquirido por elas foi obtido com base na experiência e nas orientações passada pela direção da escola.

Ao serem questionadas sobre o tempo de atuação, uma docente informou que tem 4 anos de atuação, outra tem 2 anos de experiência, e outras duas são iniciantes, sendo uma docente com um ano de atuação nessa área e a outra apenas cinco meses.

Ao serem questionadas sobre a metodologia adotada por elas para trabalhar com esse discente vemos diversas maneiras de incluir essa criança no ambiente escolar como observamos na análise do relato:

As discentes explicam: “Converso com a regente da sala e busco conhecer o aluno para ver qual a melhor forma de ajudar no seu desenvolvimento escolar” (Prof. 1). “Inicialmente, a observo para constatar qual a dificuldade desse aluno e como posso conseguir sua confiança. Priorizando o bem-estar e o desenvolvimento do discente” (Prof. 2). “Imagens que sejam atrativas para essas crianças, leitura coletiva e brincadeiras para descontrair” (Prof. 3). “Incluí-lo o máximo nos projetos, seja em sala de aula quanto na escola em geral, porém respeitando sempre o espaço e o tempo do aluno” (Prof. 4).

Todas as entrevistadas afirmaram que a maior dificuldade que possuem em trabalhar com discentes com TEA é a falta de capacitação específica, ou não teve em seu curso a formação adequada para trabalhar com a educação inclusiva e nem tiveram cursos específicos voltados para lidar com tais estudantes de maneira efetiva, tendo visto apenas citações de deficiências/transtornos e teorias básicas.

Com base nessas afirmações é indispensável uma metodologia diferenciada que envolva o aluno, permitindo assim que o professor desempenhe seu trabalho com

excelência, auxiliando esse discente no seu desenvolvimento escolar. Nesse sentido, a importância da educação inclusiva reside em alguns fatores e estratégias pedagógicas, a saber:

[...] para uma educação efetivamente inclusiva é necessário que o processo educativo seja desenvolvido a partir da recriação da prática pedagógica, da importância dada à ação e à centralidade do sujeito, a flexibilidade da estrutura metodológica, a participação de todos (BAPTISTA, 2002, p. 109).

Analisando as entrevistas foi possível observar que as professoras não têm experiências com os alunos com TEA na escola que condizem com as características mais marcantes. Todas afirmaram não ter um conhecimento prévio de TEA antes de darem apoio aos alunos e disseram que ainda não receberam nenhum tipo de capacitação, o que fica evidenciado nas falas abaixo:

“Não tenho nenhuma formação nessa área, mas gostaria de fazer algum curso porque só tenho o ensino médio” (Prof. 1); “Tenho o curso de pedagogia, mas gostaria de fazer pelo menos um curso para ter mais segurança para trabalhar com crianças com TEA” (Prof. 3); “Fiz o magistério há algum tempo e sei que de lá pra cá muita coisa mudou, seria bom ter uma capacitação para ajudar as profissionais de apoio” (Prof. 2); “Estou finalizando meu curso de pedagogia e pretendo fazer uma especialização na área da educação especial, por ser uma área que já conheço” (Prof. 4).

Ressalta-se que, todas as entrevistadas afirmaram que a maior dificuldade que possuem em trabalhar com discentes com TEA é a falta de capacitação específica, ou não tiveram em seu curso a formação adequada para trabalhar com a educação inclusiva e nem tiveram cursos específicos voltados para lidar com tais estudantes de maneira efetiva, tendo visto apenas citações de deficiências/transtornos e teorias básicas.

Nas falas das professoras está explícito que o preparo para o desenvolvimento de suas ações educativas, quando se trata da inclusão de alunos, não são prioridades nos seus cursos de graduação e, segundo Correia (2008, p. 14), o desafio da formação inicial é:

[...] o de capacitar profissionais que consigam conduzir a sua prática pedagógica tanto em função da realização individual, quanto da necessidade do sistema social como um todo que objetiva, pela educação, atingir a plena realização do indivíduo (CORREIA, 2008, p. 14).

Quando questionadas sobre o suporte e capacitação ofertados pelo poder público, em especial a SEMED, as entrevistadas afirmam não terem nenhum tipo de capacitação ou suporte por parte da Secretaria de Educação deste município.

“A escola ajuda um pouco com atividades e material pedagógico, mas em relação à SEMED não temos nenhum suporte” (Prof. 1). “Não temos suportes disponíveis em nosso ambiente de trabalho” (Prof. 2). “Não temos suporte algum” (Prof. 3). “A escola oferece alguns materiais, mas a SEMED não dá nenhum suporte” (Prof. 4).

Percebemos com as falas das profissionais de apoio que o município é falho em relação à capacitação desses docentes e no suporte pedagógico ofertado. Deixando evidente que não está preparando de forma adequada o seu corpo docente de apoio educacional especializado.

A falta de capacitação e suporte é unanimidade entre as entrevistadas, segundo elas, essa carência de qualificação e pouquíssimo suporte pedagógico afeta o desenvolvimento da prática pedagógica no ambiente escolar. Como alternativas elas buscam formas outras de suprir essa lacuna através de vídeo-aulas sobre o assunto e troca de experiências entre elas.

Ao serem questionadas sobre a interação dos seus alunos com os demais colegas, todas responderam que seus discentes interagem normalmente com os demais alunos da turma (questão 3), assim, a adaptação desse discente no ambiente escolar é mais tranquila.

Em relação à participação dos pais no processo de desenvolvimento da aprendizagem do discente (questão 6), a maioria (3) das entrevistadas informou que os pais são ativos na participação do desenvolvimento da aprendizagem do seu filho; já a outra entrevistada informou que os pais não acompanham o desenvolvimento do seu filho, deixando, por vezes, a criança faltar à escola sem justificativa ou até faltando em eventos escolares. A participação da família nas atividades escolares contribui para o pleno desenvolvimento do discente. Segundo Florentino (2020), a participação da família influencia o desenvolvimento das crianças com TEA, uma vez que permite aos pais, até mesmo, entender melhor como se dá o desenvolvimento da aprendizagem e as dificuldades de seus filhos, para ajudar a auxiliá-los. A autora conclui que a parceria família e profissionais da educação podem imprimir resultados mais positivos no desenvolvimento das crianças com TEA e questiona que, o atendimento unilateral, apenas dos profissionais, não assegura pleno desenvolvimento.

A última pergunta direcionada às profissionais de apoio foi sobre as suas sugestões para melhorar o atendimento dos discentes e tivemos as seguintes respostas:

“Capacitação e valorização da classe” (Prof. 1). “Cursos de capacitação para os profissionais de apoio para o melhor desempenho em nossa função”. (Prof. 2). “Capacitação, suporte e valorização dos profissionais de apoio” (Prof. 3). “Formação e treinamento adequado com os profissionais de apoio” (Prof. 4).

Sendo assim, a formação inicial deve estimular a base de uma construção teórica e possibilitar aos futuros professores momentos em que esses possam vivenciar na teoria e prática experiências passíveis de serem adaptadas aos contextos e desafios do atendimento educacional especializado em TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que o objetivo desse trabalho, apresentar os desafios dos profissionais de apoio diante do processo de inclusão de alunos com TEA no ensino regular, foi alcançado. Podemos concluir também que os gestores e instituições de ensino superior deixam a desejar em relação à formação e capacitação desse profissional atuante na educação inclusiva.

Diante da observação dos enfrentamentos diários para atendimentos aos discentes com TEA, as professoras de apoio, para desempenharem um bom trabalho, mesmo com a escassez de recurso materiais e suporte metodológico, buscam estratégias e alternativas para oportunizar o aprendizado de seu discente.

Com base nos dados coletados e analisados desde a observação até as entrevistas, podemos afirmar a importância da atuação do profissional de apoio e do preparo dele como mediador e agente da inclusão, assim como a importância da escola como espaço adequado para essa interação. Partindo deste ponto, concordamos com Ferreira e Guimarães (2003), quando dizem que é necessário deixar de pensar a educação sob uma ótica em que o acesso e a permanência na escola ocorram dentro das condições viáveis e satisfatórias para a educação e formação de todo e qualquer aluno.

Desse modo, concluímos que o objetivo proposto neste trabalho, que foi o de analisar algumas perspectivas e os principais desafios enfrentados pelos profissionais de apoio em uma escola de ensino fundamental em Grajaú – MA, foi alcançado, levando em consideração que, mesmo com a falta de capacitação e suporte, essas profissionais não se anularam diante das dificuldades no processo de aprendizagem dos discentes com TEA.

Sendo assim, entende-se que o professor tem uma grande dificuldade para não apenas inserir o aluno, mas também incluí-lo no processo educacional. Acredita-se que, por meio do conhecimento aprofundado, pode-se buscar formas eficazes de superar esses problemas e trazer bons resultados.

Além disso, sugere-se a capacitação desses profissionais de apoio em dois sentidos: um de forma emergencial, em curto prazo, proporcionando o acesso à formação continuada por meio da Escola de Formação dos Profissionais da Educação de Grajaú – FAPEG, criada para dar suporte aos profissionais da sala de aula; oportunizar formação inicial aos profissionais que ainda não possuem curso superior, por meio de parcerias do município com as instituições de ensino superior.

REFERÊNCIAS

AMBRÓS, Danieli Martins; OLIVEIRA, Glaucimara Pires. **O aluno com Transtorno do Espectro Autista na Sala de Aula:** caracterização, legislação e inclusão. 1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: O Ensino E A Aprendizagem Em Discussão, v. 1, p. 209-220, 2017. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf>>. Acesso em: 28/09/2023.

BAPTISTA, C. R. **A inclusão e seus sentidos:** entre edifícios e tendas. In: BPTISTA, C. R. (org). *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 93.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN**. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. P.75

CORREIA, L. de M. (1999), apud MORGADO, José Carlos. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. Porto. 2008.

CORREIA, Marinez Luiza. **A formação inicial do professor:** os desafios e tensões que a prática pedagógica impõe. *ANALECTA*, Guarapuava-PR, v. 9, n. 2, p. 11-20, jul./dez. 2008.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia, práticas educativas na escola e na família. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

FERREIRA, M. E.C.; GUIMARÃES, M. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FLORENTINO, Elyzayara Marcelly Lisboa. O papel dos pais no desenvolvimento de crianças no TEA. **Anais Educon 2020**, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 11, p. 8-11, set. 2020; Disponível em: <<https://www.coloquioeducon.com/>>. Acesso em: 01 out. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com autismo**: aprendizagem por eixos de interesses em espaços não excludentes. Petrópolis: Vozes, 2016.